



A SITUAÇÃO GEOGRÁFICA COMO MÉTODO: ARTICULAÇÕES ENTRE ESPAÇO, LUGAR E EVENTO NA COMPREENSÃO DA REALIDADE

THE GEOGRAPHIC SITUATION AS A METHOD: ARTICULATIONS BETWEEN SPACE, PLACE AND EVENT IN UNDERSTANDING REALITY

LA SITUACIÓN GEOGRÁFICA COMO MÉTODO: ARTICULACIONES ENTRE ESPACIO, LUGAR Y ACONTECIMIENTO EN LA COMPRESIÓN DE LA REALIDAD

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, Tocantins, Brasil,
carolinamachado@uft.edu.br

Rafael Straforini

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil,
strafo@unicamp.br

Helder Gomes Costa

Secretaria de Estado de Educação do Tocantins e Secretaria Municipal de Educação de Cariri do Tocantins (SEMED Cariri), Gurupi, Tocantins, Brasil,
helder.costageo@hotmail.com

Resumo: Vivemos em um mundo em constante transformação, o que exige da Geografia um esforço contínuo de interpretação crítica da realidade. Este artigo apresenta uma reflexão teórica sobre os conceitos de espaço geográfico, lugar e evento, com foco na situação geográfica como ferramenta metodológica. A partir de autores como Milton Santos e Maria Laura Silveira, argumenta-se que a situação geográfica, entendida como um feixe de eventos materializados nos lugares, constitui um instrumento potente para a leitura do mundo contemporâneo. Defende-se que essa abordagem, ao articular múltiplas escalas e temporalidades, contribui não apenas para a pesquisa, mas também para o ensino de Geografia, favorecendo o desenvolvimento do raciocínio geográfico, a contextualização dos conteúdos escolares e a formação crítica dos estudantes. Assim, propõe-se a situação geográfica como um caminho metodológico promissor para a educação geográfica no enfrentamento dos desafios atuais.

Palavras-chave: Geografia; educação geográfica; espaço geográfico; lugar; evento.



Abstract: We live in a world in constant transformation, which requires Geography to make a continuous effort to critically interpret reality. This article presents a theoretical reflection on the concepts of geographic space, place and event, focusing on the geographic situation as a methodological tool. Based on authors such as Milton Santos and Maria Laura Silveira, it is argued that the geographical situation, understood as a bundle of events materialized in places, constitutes a powerful instrument for reading the contemporary world. It is argued that this approach, by articulating multiple scales and temporalities, contributes not only to research, but also to the teaching of Geography, favoring the development of geographic reasoning, the contextualization of school content and the critical formation of students. Thus, the geographic situation is proposed as a promising methodological path for geographic education in facing current challenges.

Keywords: Geography; geographic education; geographic space; place; event.

Resumen: Vivimos en un mundo en constante transformación, lo que exige a la Geografía un esfuerzo continuo por interpretar críticamente la realidad. Este artículo presenta una reflexión teórica sobre los conceptos de espacio geográfico, lugar y evento, centrándose en la situación geográfica como herramienta metodológica. A partir de autores como Milton Santos y María Laura Silveira, se sostiene que la situación geográfica, entendida como un conjunto de acontecimientos materializados en lugares, constituye un poderoso instrumento de lectura del mundo contemporáneo. Se sostiene que este enfoque, al articular múltiples escalas y temporalidades, contribuye no sólo a la investigación, sino también a la enseñanza de la Geografía, favoreciendo el desarrollo del razonamiento geográfico, la contextualización de los contenidos escolares y la formación crítica de los estudiantes. Así, la situación geográfica se propone como un camino metodológico prometedor para la educación geográfica frente a los desafíos actuales.

Palabras-clave: Geografía; educación geográfica; espacio geográfico; lugar; evento.

Introdução

A Geografia é uma ciência comprometida com a compreensão do espaço geográfico como totalidade em movimento, onde se entrelaçam objetos, ações, relações sociais e tempos históricos. Segundo Santos (2017), o espaço geográfico é o objeto de estudo da ciência geográfica, sendo definido como conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações.

No atual período técnico-científico-informacional, marcado pela intensificação das desigualdades e pelo aumento da complexidade territorial, o papel da Geografia torna-se ainda mais relevante: compreender as transformações e as permanências do mundo e dos lugares e, sobretudo, contribuir para formar sujeitos capazes de interpretar criticamente o uso do território (Santos, 2013).

A partir do pensamento de autores como Milton Santos e Maria Laura Silveira, este artigo discute os conceitos de espaço geográfico, lugar e evento, culminando na proposição da situação geográfica como um instrumento metodológico e pedagógico para o ensino de Geografia. Essa abordagem busca não apenas aprofundar a reflexão teórica, mas também oferecer subsídios para a educação geográfica, valorizando a articulação entre teoria e prática e favorecendo a formação do raciocínio geográfico.

Defende-se que a situação geográfica - entendida como um feixe de eventos - pode constituir uma estratégia potente para o trabalho em sala de aula, ao conectar os conteúdos escolares com os acontecimentos do tempo presente. O evento, por sua vez, corresponde ao conjunto de vetores que transformam a realidade, enquanto o lugar é o recorte onde esses elementos se manifestam de forma singular. Nesse sentido, o evento representa a condição maior, que chega e modifica o espaço, trazendo consigo a totalidade, isto é, o conjunto de relações e conexões possíveis, passíveis de múltiplos recortes analíticos (Straforini, 2008).

A situação geográfica emerge, assim, como um desses recortes: um feixe de variáveis significativas extraídas do evento a partir da problemática em questão. Tomemos como exemplo a pandemia de Covid-19, compreendida como evento geográfico, e consideremos como recorte analítico a cidade de Manaus. Analisar esse evento em sua manifestação no lugar significa destacar diferentes situações geográficas: a conexão direta com o sistema capitalista flexível internacional, dada a presença de grandes indústrias chinesas e japonesas em seu território; a condição insular da população mais pobre, marcada pela quase impossibilidade de saída da cidade devido à ausência de rodovias, à precariedade do transporte fluvial e ao fechamento dos aeroportos; as limitações logísticas no abastecimento de insumos hospitalares;

o discurso da “imunidade de rebanho”, favorecido pela condição de isolamento da cidade; além do fato de Manaus figurar-se entre as cinco cidades brasileiras mais favelizadas.

Cada uma dessas variáveis corresponde a uma situação geográfica própria, com conexões complexas que constituem sua totalidade específica. Todas, entretanto, colaboram para a compreensão do evento maior: a geografia da Covid-19 em Manaus, que se revelou singular em relação a qualquer outro lugar do mundo. Assim, independentemente do feixe escolhido, o sentido de totalidade presente no evento não se perde (Straforini, 2008).

Nesse sentido, este estudo se dirige também à educação geográfica, entendendo que formar estudantes críticos, atentos às dinâmicas espaço-temporais do mundo, é um dos maiores desafios e compromissos da Geografia escolar.

O trabalho está organizado em seis partes principais. A primeira trata da construção do espaço geográfico como categoria central da ciência geográfica; em seguida, são discutidos os conceitos de lugar e evento, com destaque para suas articulações. A quarta seção apresenta a situação geográfica como método e metodologia. A quinta parte estabelece as conexões entre esses conceitos e a compreensão da realidade. A sexta e última parte discute as contribuições dessa abordagem para o ensino de Geografia e para a prática docente.

O espaço geográfico como totalidade em movimento

O espaço geográfico, conceito central e objeto da Geografia, é definido por Santos (2017) como uma totalidade composta por objetos e ações. Essa concepção evidencia a inseparabilidade entre espaço e tempo, técnica e intencionalidade, materialidade e práticas sociais. No entanto, a totalidade, por sua natureza abstrata, não pode ser apreendida diretamente, pois não possui materialidade em si mesma. É apenas por meio de recortes analíticos que se torna possível acessá-la e compreendê-la — e é nesse ponto que se insere a noção de situação geográfica.

Segundo Souza (1994), a Geografia tem o desafio de pensar o espaço geográfico em sua manifestação do tempo presente. Essa perspectiva implica considerar o espaço geográfico como "acumulação desigual de tempos" (Santos, 2014b), ou seja, carregado de heranças passadas e possibilidades de uso do território na contemporaneidade, bem como futuras. A noção de espaço, portanto, exige uma leitura que articule passado, presente e futuro em um movimento contínuo. Para a autora “[...] a geografia é uma luz para a compreensão do mundo de hoje e será feita, necessariamente, por quanto estejam interessados em conhecer o presente e propor o futuro” (Souza, 2018, p. 27). Essa preocupação da Geografia em pensar o presente revela o elo

entre espaço e tempo. Para Santos (2014b, p. 63) “[...] a geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente”.

Na trajetória do pensamento geográfico, o conceito de espaço foi interpretado por diferentes correntes: na Geografia regional de Paul Vidal de La Blache, associava-se à região e à paisagem; na Teórico-Quantitativa, ao espaço abstrato; na Humanista, ao lugar vivido; e na Crítica, à totalidade concreta em movimento. É nesta última que se insere a contribuição de Milton Santos, ao compreender o espaço como produto social e instância central da análise geográfica.

Nesse sentido, o espaço geográfico é entendido como uma totalidade em movimento (Santos, 2017). Para este autor “[...] tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora” (Santos, 2017, p. 54).

Por essa razão, os objetos e ações não podem ser tomados separadamente. Significa dizer que a esfera da ação é a psicosfera e o mundo dos objetos a tecnosfera (Santos, 2017). Nesse sentido, há uma necessidade de tratar a psicosfera e a tecnosfera de forma indissociável. Por isso Santos afirma que “[...] a ação não se dá sem que haja um objeto” (2017, p. 95). Portanto, existe um forte elo entre sistema de objetos e sistema de ações.

De acordo com Santos (2017, p. 312), “[...] os objetos que constituem o espaço geográfico atual são intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados”. Os objetos são, portanto, consequência da produção social, ou seja, da ação humana. Santos destaca ainda que “[...] toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico” (2017, p. 68). No período atual, os objetos são cada vez mais concebidos como produtos tecnológicos e eficazes, expressão do avanço das técnicas que resultou na chamada unicidade técnica (Santos, 2013), um dos pilares da globalização.

Compreender o espaço geográfico, entretanto, exige reconhecê-lo em sua dimensão de totalidade. Isso se expressa nas categorias de forma (a materialidade visível), função (a finalidade dos objetos), estrutura (a organização das partes) e processo (as dinâmicas temporais) em qualquer recorte analítico de interesse geográfico. Tais categorias não se aplicam apenas a grandes objetos técnicos, mas também a situações cotidianas e culturais: por exemplo, uma feira livre em um bairro popular, uma festa de São João em uma comunidade nordestina, ou ainda os espaços de convivência nas periferias urbanas. Esses exemplos mostram que a análise

geográfica alcança tanto a materialidade tecnológica globalizada quanto as práticas sociais locais, revelando o espaço como uma realidade viva, dinâmica e contraditória.

Santos (2017) afirma que o espaço não é homogêneo: ele se constrói por meio de relações desiguais, tanto em termos técnicos quanto sociais, em outras palavras, manifestadas por relações desiguais da difusão, dispersão espacial e do uso dos sistemas de objetos e também dos sistemas de ações, revelando as múltiplas temporalidades e as desigualdades que compõem os lugares.

Nesse sentido, o espaço é o elo entre o mundo e o lugar. É nele que a totalidade se realiza – entendida como a relação entre todas as coisas e todos os homens em movimento. Essa totalidade, porém, não é estática: trata-se de um processo permanente de transformação, que exige do geógrafo uma leitura que articule, ao mesmo tempo, o universal e o particular (Santos, 2014b, 2017).

No entanto, a totalidade plena é inalcançável, pois não pode ser captada em sua integralidade. Por isso, a teoria nos conduz à necessidade de recortes analíticos: é nesse ponto que se inserem os conceitos de evento e de situação geográfica, que permitem apreender, de forma parcial, mas significativa, aspectos concretos dessa totalidade em movimento.

Lugar: entre singularidade e totalidade

O conceito de lugar é central para a Geografia e na obra de Santos (2014b), que nos alerta que este não pode ser confundido e tampouco usado como sinônimo de localização, pois, “[...] para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte” (Santos, 2017, p. 314). Todavia, o autor nos dá uma pista importante de como o professor pode se apropriar do princípio localização para ensinar Geografia na sua dimensão de totalidade, ao afirmar que “[...] a localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”

Nesse sentido, a importância do lugar está em sua relação dialética com o mundo, uma vez que para seu entendimento faz-se necessário o estabelecimento de relações e conexões entre os seus próprios sistemas de objetos e ações com aqueles que se localizam próximos ou longínquos. Não se trata de fragmentos isolados, mas de totalidades particulares, nas quais se realizam as conexões globais. O lugar não é apenas o espaço da vida cotidiana, mas também o campo onde o mundo se expressa em suas múltiplas dimensões. Por isso, “[...] cada lugar é o mundo” (Santos, 2017; Silveira, 1999).

A importância da relação entre mundo e lugar é destacada na obra de Santos (2013, p. 337), quando o autor ressalta que “[...] o mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares”. Portanto, o lugar é o espaço da diversidade, oportunidade e da solidariedade.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, 2017, p. 322).

Santos também ressalta que “[...] é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar” (2013, p. 338). Mais uma vez o elo entre mundo e lugar foi evidenciado. Por esse motivo, “hoje, cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares), não se realizariam” (Santos, 2017, p. 35). Nesse sentido, “[...] cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (Santos, 2013, p. 339). Atualmente, não existe conhecimento do mundo sem conhecimento dos lugares, e não existe conhecimento dos lugares sem conhecimento do mundo. Essa relação dialética é uma forma de explicar o atual período técnico-científico-informacional.

Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro da vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (Santos, 2013, p. 114).

Os lugares se globalizaram e é importante destacar que a globalização ocorre de maneira seletiva e desigual, inclusive naqueles que, aparentemente, possuem poucos objetos representativos do meio técnico-científico-informacional. Mas, como alerta nosso autor de referência, alguns lugares são, intencionalmente, preenchidos com objetos mais modernos e complexos que outros. Outros já nascem nessa condição, não encontrando rugosidades espaciais que possam interditar a maximização dos usos do território nessa relação local-global, como se observa nas extensas áreas do cerrado e da floresta amazônica desmatadas para receber a moderna cadeia produtiva do sistema agropecuário brasileiro. Contudo, nesses mesmos territórios persistem comunidades quilombolas, povos indígenas e populações tradicionais, que resistem e produzem outras formas de uso e de significação do espaço. Sua presença revela que, mesmo diante da pressão homogeneizadora da globalização, o território continua a abrigar

múltiplas racionalidades e usos, mantendo vivas rugosidades que se opõem à completa subordinação ao modelo agroexportador.

A globalização evidencia essa condição: os lugares tornam-se suporte de relações globais. Há, entretanto, desigualdade nessa inserção. Alguns lugares concentram mais técnicas e fluxos representativos do período atual; outros permanecem opacos, com menor densidade informacional e tecnológica. Isso gera a coexistência de múltiplas temporalidades e espacialidades em um mesmo território.

Santos (2013) mostra que a modernização global não elimina as particularidades. Ao contrário, cada lugar abriga uma combinação singular de vetores da modernidade, que se instalam segundo interesses e seletividades. Dessa forma, o lugar expressa tanto a diversidade quanto a totalidade. É o espaço onde se manifestam contradições, conflitos, resistências e solidariedades.

A compreensão do lugar exige considerar suas múltiplas dimensões: técnicas, políticas, econômicas, culturais e sociais. Essas dimensões se materializam em forma de objetos e se manifestam por meio de ações, e produzem arranjos espaciais específicos que distinguem os lugares entre si. O lugar é, portanto, uma categoria complexa, que articula o singular e o universal.

É importante destacar que os lugares não são homogêneos, e sim heterogêneos. Portanto, “[...] isso resulta do fato de que cada lugar é uma combinação de técnicas qualitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico – daí as diferenças entre lugares” (Santos, 2014b, p. 24).

É a ação que une o universal ao particular. Levando o universal ao lugar, cria uma particularidade. E esta sobrevive como particular, ao movimento do todo, para ser ultrapassada pelos novos movimentos. A particularidade ultrapassada precede a universalidade atual e sucede à universalidade defunta. Há, pois, um movimento interativo no qual particularidade e universalidade fertilizam-se mutuamente (Santos, 2017, p. 124).

Neste sentido, o lugar é o espaço do acontecer solidário ou um subespaço (Santos, 2014a). O lugar é a possibilidade da solidariedade, da coletividade e do bem comum. Santos (2014a, p. 158) cita Durkheim ao afirmar que “[...] a noção, aqui, de solidariedade, é aquela encontrada em Durkheim e não tem conotação ética ou emocional. Trata-se de chamar a atenção para a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum”. Ao refletir sobre o espaço do acontecer solidário, destaca-se o lugar enquanto três modos:

O acontecer homólogo é aquele das áreas de produção agrícola ou urbana, que se modernizam mediante uma informação especializada, gerando contiguidades funcionais que dão os contornos da área assim definida. O acontecer complementar é aquele das relações entre cidade e campo e das relações entre cidades, consequência igualmente de necessidades modernas da produção e do intercâmbio geograficamente próximo. Finalmente, o acontecer hierárquico é um dos resultados da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando, uma organização, que tendem a ser concentrados (Santos, 2017, p. 166).

Dedicado a pensar as relações entre lugar e solidariedade, Carloto (2014, p. 196) destaca que “[...] é nos lugares que as solidariedades se constituem espacialmente e o sentimento de pertencimento e de liberdade surgem. Sendo assim, os lugares precisam ser construídos na política e para a política”.

Mundo e lugar são pares dialéticos, e por esse motivo estão em constante ligação. Neste sentido, “[...] mundo e lugar coexistem (Carloto, 2017). Pensar a partir do lugar é também pensar o mundo. O futuro do mundo é construído nos lugares” (Carloto, 2014, p. 198).

Atualmente, não é somente o mundo que modifica os lugares, mas, os lugares também transformam o mundo. A pandemia de Covid-19 é um exemplo emblemático (Guimarães *et. al.*, 2020), pois o vírus surgiu em um lugar específico, mas rapidamente impactou o mundo. Ao mesmo tempo, cada lugar respondeu de forma distinta, revelando desigualdades de infraestrutura, políticas públicas, e capacidades de enfrentamento. O evento global revelou-se, assim, em expressões locais concretas e desiguais.

Com a globalização o mundo tornou-se mais próximo dos lugares. Porém, é com a cognoscibilidade do planeta obtida pelo avanço das técnicas que podemos compreender as condições políticas, técnicas, humanas e naturais do mundo, mas também as particularidades dos lugares (Santos, 2013). Para Straforini (2008) com a globalização e o avanço técnico, científico e informacional, o lugar não pode ser entendido como uma categoria ou uma entidade que se encerra em si.

Na atualidade não há mais espaço para estudar o lugar de forma desconectada com o mundo, “[...] o mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde lhe vêm matéria-prima, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens” (Santos, 2014b, p. 25).

Para dialogar com o pensamento de Santos (2014b), Castellar e Moraes (2011, p. 17) afirmam que “[...] o estudo dos fenômenos geográficos em escalas de análise possibilita superar a falsa dicotomia existente entre o local e o global, na medida em que ampliamos o olhar”. Por esses motivos, podemos afirmar que, no atual momento, lugar e mundo são indissociáveis.

Nesta perspectiva, para estudar o mundo e os lugares se faz necessário compreender o papel dos eventos geográficos.

O evento como categoria geográfica

O conceito de evento é fundamental para compreender o espaço geográfico na sua dimensão de totalidade. Santos (2017) define o evento como o resultado de um feixe de vetores que introduz uma nova função no meio. O evento é, portanto, uma novidade, um processo que transforma objetos e ações, alterando as relações espaciais existentes.

Embora o termo evento apareça com diferentes nomes em outras obras (momento, instante, ocasião), Santos o insere na Geografia como categoria que permite apreender a transformação concreta dos lugares. O evento é a materialização do tempo no espaço. Ele expressa o movimento, a ruptura e a mudança.

Para Santos (2017, p. 95) “[...] um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente”. Assim, o evento torna-se uma ferramenta fundamental para a Geografia compreender as transformações do mundo do presente.

Silveira (2006) acrescenta que os eventos não existem isoladamente: são mediações entre as possibilidades do mundo e as existentes nos lugares. Ao transformar uma possibilidade em realidade, o evento produz a existência. Por isso, o evento revela a articulação entre o que é possível e o que é concreto, entre o local e o global, entre o próximo e o longínquo.

Os eventos se espacializam de forma desigual e seletiva. Nem todos os lugares os vivenciam da mesma maneira ou no mesmo tempo. Isso reforça a ideia de que o espaço geográfico é o palco de múltiplas temporalidades e processos. A chegada de um evento em um lugar implica em transformação: é a partir dele que novos arranjos espaciais se produzem, ainda que a transformação não implique numa radical metamorfose de um dado arranjo ou ordem espacial para outro, completamente novo.

Para Santos (2017), os eventos são atuais, singulares e históricos. São também responsáveis por diferenciar os lugares. Essa perspectiva torna o evento uma chave para compreender o presente ou a realidade. Mais do que objetos, os eventos são processos, e como tais, exigem ser interpretados em sua relação com o espaço e o tempo.

Por essência, o evento implica em mudança. Porém, essa mudança é seletiva e desigual. Um evento não impacta todos os lugares ao mesmo tempo. Um evento se realiza de forma desigual, sobretudo no atual período técnico-científico-informacional. Neste sentido, “[...] o

lugar não é um fragmento, é a própria totalidade em movimento que, através do evento, se afirma e se nega, modelando um subespaço do espaço global” (Silveira, 1993, p. 204). Por isso, lugar e evento são indissociáveis.

A análise de eventos em diferentes escalas – como a saúde pública em cidades paulistas (David, 2011) ou a usina de Belo Monte (Rodrigues, 2010) – reforça a importância dessa categoria para a leitura crítica do espaço. Eventos globais, nacionais e locais articulam-se nos lugares, configurando situações específicas e complexas.

A pandemia da Covid-19, por exemplo, foi um evento global que se tornou situação geográfica ao afetar os territórios de maneira desigual. A compreensão dessa realidade exige considerar a rede de eventos interdependentes e os feixes de variáveis que os eventos carregam e, simultaneamente, se concretizaram nos lugares – hospitais, transporte, confinamento, desemprego, tecnologia, etc., de forma diferenciada.

O evento é, assim, o elo entre mundo e lugar, entre tempo e espaço. É por meio dele que as transformações se realizam e que os lugares assumem novas formas e funções e são, por essência, diferentes entre si. O estudo dos eventos permite ao geógrafo interpretar o presente como um processo histórico em movimento.

Embora estejamos cientes de que o tema abordado possui desdobramentos amplos e complexos, não temos aqui a pretensão de esgotá-lo. Nosso objetivo é oferecer reflexões e contribuições que colaborem com o debate e inspirem novas leituras e práticas. A partir dessas considerações, passamos agora a discutir a situação geográfica, aprofundando os caminhos possíveis para articular a base epistêmica com a educação geográfica.

A situação geográfica como método e metodologia

A situação geográfica é uma proposta teórico-metodológica que permite compreender o mundo contemporâneo em sua complexidade e o espaço geográfico na sua dimensão de totalidade-mundo. Segundo Silveira (1999), a ideia de situação está vinculada à noção de evento - ou seja, à forma como os acontecimentos se materializam nos lugares e configuram recortes específicos do espaço.

Nas palavras de Silveira (1999, p. 22), “[...] a ideia de situação que propomos discutir aqui é vinculada à noção de evento”. Vale lembrar que “[...] o evento é aqui entendido como a empiricização do tempo no espaço e deve permitir a compreensão profunda do lugar, via espaço global” (Silveira, 1993, p. 208). Ou nas palavras de Santos (2017, p. 144) “[...] o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo”.

A situação geográfica é o resultado de um feixe de eventos ou de variáveis que um determinado evento carrega que, ao se realizarem em determinado lugar, produzem uma coerência espacial e temporal. Esses eventos, ao serem geografizados – tornados materialidade e norma – criam um novo arranjo, uma nova Geografia. Assim, cada situação é histórica e singular, sendo, ao mesmo tempo, construção concreta e construção lógica (Silveira, 1999).

Trata-se, portanto, de um conceito que opera como mediação entre os três grandes pilares da Geografia: espaço geográfico, lugar e evento. Por meio da situação geográfica, torna-se possível identificar objetos técnicos, ações, normas, escalas, discursos e agentes que se articulam na constituição de uma realidade específica.

A força metodológica da situação está na capacidade de reunir múltiplas variáveis em um arranjo coerente, revelando as interdependências e desigualdades que estruturam os lugares. Segundo Cataia e Ribeiro (2015), o conceito permite articular variáveis, processos e agentes em diferentes escalas, com base em um foco territorial preciso.

A situação geográfica também evidencia a coerência entre o local e o global. Como observam Albuquerque e Ribeiro (2021), trata-se de uma configuração em que eventos e estruturas se encontram ancorados em determinada realidade territorial, modulada por heranças e usos do território.

Feitosa (2018), por exemplo, analisa as cidades de Petrolina e Juazeiro como situações geográficas a partir da articulação entre políticas públicas de saúde e desenvolvimento regional. Já Faria (2011) utiliza o conceito para interpretar a expansão urbana de Caicó, mostrando como eventos diversos se integram para configurar as transformações da cidade.

Straforini (2008), em um estudo voltado ao ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, utiliza o conceito de situação geográfica como um recurso metodológico para realizar recortes da realidade socioespacial dos estudantes. Esses recortes permitem destacar elementos significativos para a construção do conhecimento sobre determinados temas ou conteúdos escolares.

Ao compor o quadro explicativo em conjunto com o evento geográfico, a situação geográfica contribui para que não se perca a compreensão do espaço em sua dimensão de totalidade-mundo. Nesse sentido, torna-se uma importante aliada no processo de aproximação entre o conteúdo escolar e a realidade concreta vivida pelos estudantes. Essa perspectiva evidencia que as situações geográficas não são apenas conceitos teóricos, mas também ferramentas aplicáveis à prática pedagógica, ao planejamento urbano e à análise territorial.

A situação geográfica também se destaca por sua potencialidade de leitura crítica do presente. Pensar a Geografia como uma ciência do presente requer compreender os lugares como ação, hábito e prática (Araujo, 2020). A situação, nesse sentido, oferece a possibilidade de antecipar futuros possíveis, ancorados no presente e informados pelo passado.

Silveira (1999) enfatiza ainda que a análise de uma situação exige a seleção e hierarquização dos eventos mais relevantes. Não se trata de incluir todas as variáveis, mas aquelas que, articuladas, revelam uma coerência interna. A situação geográfica é, assim, um concreto pensado: uma representação lógica do real, construída a partir de escolhas teóricas.

Numa pesquisa de Geografia Histórica, Straforini (2018) entende que as descobertas auríferas, nos séculos XVII e XVIII, foram o grande evento que possibilitou uma nova configuração territorial interiorizada para o Brasil de então. Todavia, como alerta o autor, esse evento trouxe consigo inúmeros feixes de variáveis que se materializaram de diferentes formas tanto no território brasileiro quanto na África e na Europa, como por exemplo despovoamento de vilas já consolidadas na colônia; o abandono de práticas agrícolas seguidas de momentos de fome; novo impulso migratório de português e da diáspora africana, ambos voltados para o interior aurífero e não mais à faixa litorânea; alargamento das guerras de dizimação dos povos originários; estabelecimento e controle de rotas de circulação interna. O autor tomou esse último com a situação geográfica de destaque de sua pesquisa para entender essa nova configuração territorial que o evento “mineração” trouxe para o Brasil. Isso não significa descartar as outras situações geográficas, mas destacar, colocar lupa sobre uma variável significativa, sem perder as suas relações de conectividades com todas as outras, de modo que o sentido de totalidade mundo não se perca num estudo fragmentado.

Por isso, a situação geográfica só pode ser compreendida pela articulação entre lugar, evento e espaço geográfico. Sem essa relação, ela se fragmenta e perde seu sentido totalizante. É por meio dessa tríade que se revela a totalidade concreta do mundo e suas expressões locais. Todavia, Straforini (2008) problematiza a utilização do conceito de totalidade no ensino de Geografia por esse não passar de um conceito abstrato, um devir jamais atingível concretamente, uma vez que não conseguimos compreender num instante de pensamento o conjunto de todas as coisas e em suas relações. Sendo uma abstração, como podemos empiricizá-la junto aos alunos? O autor recorre ao trabalho de Santos (1988), para defender que as categorias filosóficas forma, função, processo e estrutura podem servir como ferramentas de compreensão do mundo na sua dimensão de totalidade de forma mais concreta, desintegrando-a e reconstruindo-a, dialeticamente.

As noções de estrutura, processo, função e forma, essas velhas categorias filosóficas e velhas categorias analíticas devem ser retrabalhadas para que, neste particular, possam prestar novos serviços à compreensão do espaço humano e à constituição adequada de sua respectiva ciência (Santos, 1988, p.13).

A partir das categorias forma, função, estrutura e processo, pode-se identificar como os eventos reconfiguram os objetos, as práticas, as relações e as organizações espaciais. A situação geográfica, nesse contexto, torna-se um instrumento poderoso para interpretar os processos históricos em andamento e formular propostas para o futuro.

De acordo com Castellar e Paula (2020, p. 310)

[...] a situação geográfica condiz a um feixe de eventos em um lugar, território, paisagem ou região, à particularidade de conjuntos e efeitos em decorrência do espaço socialmente produzido. É a manifestação efêmera, que se pode lançar duradoura, de um movimento de totalização, a constituição de condições socioespaciais em um recorte.

Neste sentido, a situação geográfica como um feixe de eventos ou de variáveis de um único evento possibilita a compreensão do lugar, do território, da paisagem ou da região e, conseqüentemente, do mundo. A partir do pensamento de Santos e Silveira, considera-se “[...] a situação geográfica como um ponto de partida, uma dimensão epistêmica, com método e metodologia para compreensão de fenômenos e processos geográficos no contexto das sociedades” (Castellar; Paula, 2020, p. 310).

Guimarães *et al.* (2020) utilizam os conceitos de evento e situação geográfica para analisar a pandemia de Covid-19 no Brasil. Para os autores, a pandemia configura-se, ao mesmo tempo, como um evento que incide sobre os municípios brasileiros e como uma situação geográfica, ao se considerar apenas a variável difusão espacial do vírus no território nacional. Essa situação possibilita a compreensão do evento Pandemia da Covid-19 se manifestando de diferentes formas no espaço por meio de sua difusão no território, ressignificando um tema que originalmente poderia se restringir ao campo da saúde e do sanitário, num tema também geográfico, uma vez que precisa de seus conceitos de redes e fluxo, por exemplo, para compreendê-lo de forma mais complexa a partir de sua difusão. A importância de tratar eventos e situações geográficas como totalidades é destacada pelos autores (Guimarães *et al.*, 2020, p. 119-120), ao afirmarem que a ideia de totalidade permite evitar representações simplificadoras do mundo e fornece os fundamentos necessários para compreender as principais estruturas que organizam e conferem sentido aos eventos – o que se revela essencial diante da rápida e desigual propagação do novo coronavírus no território brasileiro.

A relação entre espaço geográfico, evento, lugar e situação geográfica para compreensão da realidade

A realidade contemporânea exige abordagens que articulem múltiplas dimensões do espaço. Para Santos (2017), o espaço geográfico é o mediador entre mundo e lugar, pois é nele que se materializam objetos e ações, formando a base concreta das relações sociais. O evento, por sua vez, é o feixe de vetores que transforma essa realidade; e o lugar é o recorte onde esses elementos se realizam de forma singular.

A análise de espaço, lugar e evento não pode ser fragmentada. É por meio da interação entre esses conceitos que se compreende a realidade em sua totalidade. O lugar não explica o mundo por si só, assim como o evento só ganha sentido quando contextualizado em um território específico. A situação geográfica surge, então, como uma síntese metodológica que permite reunir essas dimensões.

Segundo Santos (2014b), o lugar é resultado de uma combinação espacial seletiva de variáveis historicamente datadas. Por isso, cada lugar possui um tempo espacial próprio, e os eventos nele realizados adquirem significados singulares. A compreensão da realidade, portanto, exige considerar os eventos, os objetos e as ações como totalidades em movimento.

A situação geográfica revela-se como o instrumento capaz de articular essas complexidades. Ela permite entender como os lugares funcionam como síntese das relações entre eventos e estruturas herdadas, entre ações e objetos, entre particularidades locais e condicionantes globais. Como afirma Souza (2009), “[...] o mundo é uma complexidade, e é ela que deve ser tocada por nossas metodologias”. Para Straforini (2008, p. 103), também utilizando-se de Silveira (1999)

É a situação geográfica que permite fazer o recorte da totalidade mundo, isto é, encontrar os elementos ou as estruturas significativas sem perder de vista as suas relações com o conjunto. Trata-se de cindir a totalidade mundo em subtotalidades que se tornam estruturas significativas para cada conjunto de eventos. Sinteticamente, a situação geográfica pode ser entendida como um recorte da história do presente.

O sistema de objetos e sistema de ações se materializam nos lugares por meio do evento. A indissociabilidade dos objetos e ações é própria do espaço geográfico enquanto abstração, tornando empírica nos lugares. Por isso que o mundo é entendido empiricamente pelos lugares. Nesse sentido, “[...] o mundo, para os geógrafos se torna real, concreto. Daí a absoluta importância da compreensão do que seja o espaço geográfico, mediador entre mundo e lugar” (Souza, 1994, p. 121).

É importante reafirmar que a definição de uma situação geográfica exige articular evento, lugar e uso do território. Não se trata de compreender a situação geográfica como um conjunto de eventos, pois isso nos levaria ao mesmo impasse filosófico da impossibilidade de dar concretude à totalidade espacial. Conforme discutem autores mobilizados por Silveira (1999) a chave está na noção de recorte: é o evento que traz consigo múltiplos feixes de variáveis, e cada um desses feixes pode ser apreendido como uma situação geográfica, que se materializa de maneira específica em um lugar.

Assim, a situação geográfica não perde suas conexões com o evento maior – e, portanto, com a totalidade – mas permite analisá-lo em sua concretude. Em outras palavras, é o evento que materializa o mundo no lugar, enquanto as situações geográficas oferecem os recortes analíticos necessários para compreender, em sua complexidade, as formas singulares dessa materialização.

Nesse sentido, a situação geográfica torna-se um instrumento metodológico de suma importância para a compreensão dos lugares e, conseqüentemente, do mundo. Mas é preciso estar atento que

[...] além do conhecimento científico geográfico é preciso operar com o sistema lógico de pensamento capaz de sustentar um raciocínio complexo para analisar uma situação geográfica. Desse modo, para tratar da Geografia escolar é necessário analisar o sentido da ciência geográfica, seu objeto de estudo e de que maneira as diferentes situações geográficas analisadas e estudadas podem ser articuladas com o estatuto epistemológico dessa ciência (Pereira; Castellar, 2024, p. 14).

16

Autores como Pereira e Castellar (2024), Castellar, Pereira e Guimarães (2021), Guimarães *et al.* (2020), Roque Ascensão (2020), Castellar e Paula (2020), Straforini (2018) e Cataia e Ribeiro (2015) têm explorado essa articulação em suas pesquisas, reforçando o valor da situação geográfica como categoria analítica e pedagógica. Esses trabalhos demonstram que compreender o espaço exige pensar a partir das relações entre evento, lugar e totalidade, sempre de forma crítica e propositiva.

A situação geográfica e o evento como fundamentos para o ensino de Geografia

A abordagem da situação geográfica como método e metodologia não se limita à pesquisa acadêmica, mas apresenta potencial significativo para o ensino de Geografia. No campo da educação geográfica, compreender a realidade por meio da articulação entre espaço geográfico, lugar e evento permite fortalecer o raciocínio geográfico e promover uma leitura crítica do uso do território.

Ao adotar o evento como categoria central, o ensino pode se aproximar da experiência dos estudantes, conectando os conteúdos escolares com os acontecimentos que afetam suas vidas. Isso favorece a construção de aprendizagens contextualizadas e significativas, pois o evento não é apenas algo extraordinário, mas uma expressão da dinâmica do espaço em constante transformação.

A situação geográfica, nesse sentido, constitui-se um recurso metodológico para organizar o conhecimento de forma articulada. Ela não se confunde com o evento em si, mas corresponde a um recorte significativo dele, que se materializa em um lugar específico. Assim, diante de eventos como a pandemia, a expansão do agronegócio ou a urbanização acelerada, o estudante pode analisar situações geográficas particulares: por exemplo, a logística de abastecimento em sua cidade durante a Covid-19, a substituição de áreas de cerrado por monoculturas em seu município ou as transformações nas periferias urbanas decorrentes do crescimento acelerado.

Em cada caso, é possível identificar os objetos técnicos envolvidos, os agentes atuantes, as escalas mobilizadas e os processos em curso. Essa análise, ao mobilizar as categorias de forma, função, estrutura e processo, possibilita compreender a realidade a partir de recortes concretos, sem perder de vista sua inserção no evento maior e, portanto, na totalidade.

Além disso, o conceito de situação geográfica amplia as possibilidades de trabalhar com projetos interdisciplinares, estudos de caso e metodologias investigativas. No processo de definição da situação geográfica para aprendizagem o professor deverá formular questões-problema que estimulam a pesquisa, a análise crítica e a argumentação, competências fundamentais no ensino contemporâneo.

Como destacam Castellar e Paula (2020), o uso do conceito de situação geográfica no ensino contribui para desenvolver uma postura ativa diante do mundo, pois convida os estudantes a entenderem a realidade como processo em constante transformação – e, portanto, passível de intervenção.

A educação geográfica deve ser uma possibilidade para os estudantes ao longo da educação básica compreender o mundo em que se vive a partir de relações multiescalares: do local ao global, do mundo ao lugar, em diferentes temporalidades. Uma aprendizagem geográfica ao longo da educação básica deve ser pautada pela busca de compreender os usos do território (Pereira; Castellar, 2024, p. 15).

Todavia, Cecim e Straforini (2022) alertam para o risco de se compreender a realidade do aluno como metonímia de “atualidades”, uma vez que este não se circunscreve aos

fundamento teórico-metodológico do campo da Geografia, mas sim da Comunicação. Essa abordagem transforma as aulas de Geografia e o conhecimento geográfico escolar num mero conhecimento factual jornalístico para fundamentar ou instrumentalizar os alunos na produção de redações ou responder a questões que envolvam a atualidade, tão presentes nos exames de seleção de acesso ao ensino superior e outras avaliações de larga escala. A preocupação dos autores converge com a proposta de utilizar a situação geográfica e o evento como ferramentas metodológicas que conectam os conteúdos escolares às experiências cotidianas dos estudantes, favorecendo o desenvolvimento do raciocínio geográfico e a formação crítica.

Dessa forma, a reflexão sobre situação geográfica e eventos amplia as finalidades da educação geográfica: não se trata apenas de descrever paisagens ou mapear territórios, mas de compreender como os processos espaciais operam, com quais consequências, em quais escalas e com que desigualdades – e, sobretudo, como os sujeitos podem se posicionar frente a esses processos.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo buscaram evidenciar como os conceitos de espaço geográfico, lugar, evento e situação geográfica se articulam de forma indissociável na compreensão da realidade. A partir do referencial teórico centrado, sobretudo, em Milton Santos e Maria Laura Silveira, foi possível defender a situação geográfica como um instrumento metodológico potente, capaz de revelar a complexidade do mundo contemporâneo em sua totalidade e singularidade.

Argumentamos que o evento, enquanto processo que se materializa nos lugares e transforma o espaço, e que este não pode ser analisado a partir de recortes ou fragmentos de forma isolada. Da mesma forma, compreender o lugar exige considerar sua relação dialética com o mundo. É nessa perspectiva que a situação geográfica se apresenta como mediação teórico-metodológica entre eventos, lugares e a totalidade do espaço geográfico. Por meio das categorias forma, função, estrutura e processo, essa abordagem permite interpretar os feixes ou variáveis significativas dos eventos que constroem o mundo do presente nos lugares.

A análise de diferentes produções acadêmicas reforçou a relevância e atualidade do conceito de situação geográfica, tanto para o ensino quanto para a pesquisa em Geografia. Essas contribuições revelam a potência do conceito como chave interpretativa para entender a realidade em suas múltiplas escalas, temporalidades e interdependências.

Assim, acreditamos que a incorporação dos conceitos de evento e situação geográfica no ensino de Geografia pode contribuir para uma formação mais crítica e ativa dos estudantes. Ao mobilizar esses conceitos como ferramentas metodológicas, o professor estimula a análise da realidade como totalidade em movimento, articulando as múltiplas escalas do espaço com os acontecimentos do tempo presente. Trata-se, portanto, de uma proposta que fortalece a educação geográfica como espaço de reflexão, ação e emancipação.

Embora este estudo não esgote a temática – dada sua complexidade e abrangência –, ele se propôs a oferecer contribuições teóricas que fomentem novos olhares e aprofundamentos. Acreditamos que, ao reconhecer a situação geográfica como método e metodologia, abrimos caminhos para fortalecer o raciocínio geográfico e a análise crítica dos fenômenos espaciais, especialmente em contextos marcados pela desigualdade, globalização e transformação contínua.

Referências

- ALBUQUERQUE, Mariana Vercesi de; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da COVID-19 no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YnJk6W34PYN9G5jp39kzCdy/abstract/?lang=pt> Acesso em: 5 jun. 2025.
- ARAUJO, Markelly Fonseca de. *A revolução do lugar: contextos da guerra da informação na megalópole*. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- CARLOTO, Denis Ricardo. *Por uma federação de lugares da desigualdade a solidariedade*. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CARLOTO, Denis Ricardo. Território usado: o elo perdido no federalismo brasileiro. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 76-94, 2017. DOI: 10.5216/ag.v11i2.44572. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/44572>. Acesso em: 6 maio 2025.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena. *Ensino de geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; PAULA, Igor Rafael de. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294–322, 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/922> Acesso em: 5 jun. 2025.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch; GUIMARAES, Raul Borges. For a Powerful Geography in the Brazilian National Curriculum. In: Castellar, Sonia Maria Vanzella; GARRIDO-PEREIRA, Marcelo; LACHE, Nubia Moreno. (Org.). *Geographical Reasoning and a Learning*. 1ed. Cham, Switzerland: Springer, 2021. p. 15-31.

CATAIA, Márcio Antonio; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Análise de situações geográficas: notas sobre metodologia de pesquisa em geografia. *Revista da ANPEGE*, [S. l.], v. 11, n. 15, p. 9–30, 2015. DOI: 10.5418/RA2015.1115.0001. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/6445> Acesso em: 5 jun. 2025.

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues; STRAFORINI, Rafael. O conhecimento geográfico escolar e as articulações entre a realidade do aluno e o conteúdo de atualidades. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 42, n. 01, 2022. DOI: 10.5216/bgg.v42.64578. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/64578>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DAVID, Virna Carvalho. *Território usado e circuito superior marginal: equipamentos médico-hospitalares em Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto (SP)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FARIA, Carlos Eugênio de. *Os eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: desigualdades e coexistências na urbe*. Natal: IFRN, 2011.

FEITOSA, Luciana da Costa. *Política de saúde e política nacional de desenvolvimento regional: o conflito político-institucional da região no Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2018.

GUIMARÃES, Raul Borges; CATÃO, Rafael de Castro; MARTINUCI, Oséias da Silva; PLUGIESI, Edmur Azevedo; MATSUMOTO, Patrícia Sayuri Silvestre. O raciocínio geográfico e as chaves de leitura da Covid-19 no território brasileiro. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 119–139, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/173374>. Acesso em: 5 jun. 2025.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Fundamentos do raciocínio geográfico e educação geográfica brasileira. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 14, n. 24, p. 5-30, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v14i24.1478>. Acesso em: 15 maio 2025.

RODRIGUES, Edmilson Brito. *Território e soberania na globalização: Amazônia, jardim de águas sedento*. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROQUE ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira. A Base Nacional Comum Curricular e a produção de práticas pedagógicas para a geografia escolar: desdobramentos na formação docente. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 10, n. 19, p. 173–197, 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. 1 ed., 3. reimpr., São Paulo: Edusp, 2014a.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. 5 ed., 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2014b.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed., 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. Globalização e geografia: a compartimentação do espaço. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, v. 1, n. 18, p. 5–17, 1996. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7229>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Revista Território*, ano 4, n. 6, jan./jun. 1999. Disponível em http://www.laget.eco.br/territorio/sumario_06.htm. Acesso em: 7 abr. 2020.

SILVEIRA, Maria Laura. Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In: SANTOS, Milton *et al.* *Fim de século e globalização*. São Paulo, Hucitec, 1993. p. 201-209.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online), [S. l.], v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73991>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SILVEIRA, Maria Laura. Geografia e mundo contemporâneo: pensando as perguntas significativas. *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 205-219, 2012. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2442>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A geografia e o conhecimento do mundo. *Geosul*, v. 9, n. 18, p. 118-124, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/23910>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A geografia da solidariedade. *GeoTextos*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 171-178, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v2i2.3042>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Meio ambiente e desenvolvimento sustentável. As metáforas do capitalismo. *Revista Cronos*, Natal, v. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3289>. Acesso em: 5 jun. 2025.

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

STRAFORINI, Rafael. O ensino da geografia como prática espacial de significação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152621>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Professora Associada do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2000), mestre em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente (2004) e doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Coordena o Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia (LEGEO/UFT).

Endereço Profissional: Universidade Federal do Tocantins

Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N – Jardim dos Ipês I

Porto Nacional – TO, CEP: 77500-000

E-mail: carolinamachado@uft.edu.br

Rafael Straforini

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da Unicamp, atuando na área de Educação em Geografia. Líder do Grupo de Pesquisa Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia (Apegeo).

Endereço profissional: IG Unicamp, Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo, Campinas - SP, 13083-970

E-mail: strafo@unicamp.br

Helder Gomes Costa

Possui graduação e mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor Efetivo da Rede Estadual de Educação do Tocantins (SEDUC) e da Rede Municipal de Educação de Cariri do Tocantins - TO. Integrante do Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia (LEGEO) na Universidade Federal do Tocantins.

Endereço Profissional: Escola Estadual Dr. Joaquim Pereira da Costa, Rua S-016, s/n Qd L. Parque Sol Nascente. Gurupi - TO. CEP: 77425-170

E-mail: helder.costageo@hotmail.com

Recebido para publicação em 24 de outubro de 2025.

Aprovado para publicação em 8 de fevereiro de 2026.

Publicado em 13 de abril de 2026.